

Educação hoje e amanhã



Editor: José Luís Gonçalves

Educação e Resiliência

Podíamos começar a leitura deste número temático da revista pelo artigo de David T. Hansen (Teachers College, Columbia University, Nova York, NY, EUA) intitulado “Communication and the global pandemic: sustaining continuity, rhythm, and balance”. Nele, o autor aborda os custos existenciais e espirituais decorrentes do trabalho educacional realizado a distância para fazer face à pandemia que o mundo todo enfrenta. Constatando as ruturas humanas e os desequilíbrios de vida que esta modalidade de ensino provoca, recorre à figura incontornável de John Dewey para, a partir da sua filosofia de vida, demonstrar como estamos capazes de responder às condições atuais através de uma revalorização do significado de “comunicação”. Ou seja, responder à adversidade com resiliência educativa...

Está à vista de todos que neste período pandémico que atravessamos, pessoas, instituições e comunidades são testadas ao limite na sua capacidade para lidarem com a vulnerabilidade, a adversidade e o risco. E, enquanto se gere a incerteza do presente, começam a ser conhecidos estudos nacionais e internacionais que medem o impacto multidimensional que a atual crise tem sobre a instituição Escola, particularmente sobre alunos e as suas famílias, bem como sobre os docentes e as lideranças escolares e respetivas comunidades locais e nacionais onde estas estão implementadas. Estes resultados e preocupações foram assinalados pelas Nações Unidas no dia 24 de janeiro de 2021, Dia Internacional da Educação. A monitorização permanente que a UNESCO¹ faz do encerramento das Escolas evidencia que, globalmente, a pandemia de Covid-19 fez perder dois terços de um ano académico, enfrentando atualmente 800 milhões de alunos perturbações na sua educação e que, a nível mundial, as escolas foram totalmente encerradas durante uma média de 3,5 meses desde o início da pandemia. Contando os encerramentos intermitentes, o número sobe para 5,5 meses, sugere a organização.

Estudos prospetivos a nível global identificam quatro tendências emergentes na Educação pós-pandemia:² (i) o acentuar das desigualdades onde antes já eram relevantes; (ii) a centralidade da inovação no seio do sistema educativo, antecipando mudanças no ensino e formação; (iii) a emergência de um consenso sobre a importância social da escola, legitimando a afetação de maiores recursos públicos; (iv) a criação de alianças com novos atores comunitários que impulsionaram as aprendizagens das crianças. Pode afirmar-se, por isso, que a instituição Escola e, com ela, o papel docente podem vir a sair desta pandemia fortalecidos na sua estima social, tendo o sistema educativo reconquistado um inestimável valor de bem público, a par do sistema de saúde. Todavia, tal reconhecimento não é acompanhado do correspondente investimento em educação: a UNESCO, além de apelar a mais financiamento para o setor, alerta para a baixa prioridade atribuída à educação nos esforços de recuperação da pandemia de covid-19. O setor recebe apenas cerca de 0,78% dos pacotes de ajuda a nível mundial.

É de bom senso considerar que a pandemia não criou *per se* situações injustas, apenas tornou evidentes e manifestas as assimetrias sociais, económicas e culturais pré-existentes e que, no atual contexto, se agudizaram para aqueles que já viviam no limiar do risco ou da exclusão. A UNESCO salienta a este propósito que, mesmo antes da crise provocada pela Covid-19, apenas um em cada cinco países demonstrava um forte empenho na equidade na educação através do seu financiamento, situação que não mudou com a pandemia. Na perspetiva dos direitos das crianças, especialmente das mais vulneráveis, a experiência da UNICEF evidencia que os sistemas educativos mais resilientes têm sido aqueles em que se manifesta a capacidade das crianças, das comunidades e dos sistemas para antecipar, prevenir, suportar, adaptar e recuperar de stresses e choques.

No entanto, as pandemias também constituem oportunidades para os sistemas educativos se fortalecerem quando antecipam riscos e desempenham um papel protetor e promotor da “segurança, da resiliência e da coesão social...”³. No atual contexto, a resiliência escolar tem vindo a desempenhar um papel decisivo para as crianças, famílias e comunidades, na medida em que resulta de processos multifacetados de superação de obstáculos nos quais atores e estruturas

1 - Cf. UNESCO <https://pt.unesco.org/covid19/educationresponse>

2 - Vegas, E., & Winthrop, R. (2020). Report - Beyond reopening schools: How education can emerge stronger than before COVID-19. In <https://www.brookings.edu/research/beyond-reopening-schools-how-education-can-emerge-stronger-than-before-covid-19/>

3 - Cf. Declaração de Incheon e Marco de Ação para a implementação do ODS 4, n.º 26

se envolveram para obter resultados melhores do que o esperado frente ou após as adversidades.⁴

Estas e outras reflexões são aprofundadas no presente número temático da revista “Escolas encerradas: que educação em tempos de Covid-19?”. De entrada, o artigo com o sugestivo título “As escolas fecharam, a educação não ficou suspensa”, da autoria do Secretário de Estado Adjunto e da Educação João Costa, faz um balanço breve, mas estimulante, dos ensinamentos que o encerramento forçado das Escolas em Portugal proporcionou aos mais diversos atores e à própria instituição Escola. Muitas das suas constatações encontram eco nas supramencionadas recomendações da UNESCO de que se destaca a afirmação que o encerramento total da escola deve ser o último recurso e a sua reabertura em segurança constituir uma prioridade na atual situação. Algumas destas conclusões são retomadas, a partir da Alemanha, por Dirk Oesselmann (Evangelische Hochschule Freiburg). O autor oferece-nos um retrato temporal dos constrangimentos sentidos por alunos, pais e docentes durante o ano de 2020 naquele país e, não menos importante, assinala alguns comportamentos que acompanham os vários atores no terreno neste contexto.

Nesta pandemia, e segundo a UNESCO⁵, os sistemas educativos mais resilientes têm sido os que estiveram mais envolvidos com as famílias e comunidades na preservação dos Direitos das Crianças. À luz desta constatação, chega-nos do Brasil, através das autoras Juliana Pedreschi Rodrigues, Valéria Aroeira Garcia e Talita Alessandra Tristão (EACH da Universidade de São Paulo), uma análise sobre os efeitos que a Covid-19 está a ter sobre as crianças e as famílias mais desfavorecidas. A partir de um ensaio pertinente, enformado pelo olhar das/dos educadores sociais, propõem-se discutir a necessidade de dar prioridade ao “cuidado mútuo e à construção de redes de solidariedade como forma de manutenção da vida” de tantas crianças e famílias em risco ou já em efetiva exclusão social. Do mesmo país, e num tom crítico, Danielle do Nascimento Rezera (Universidade Federal de São Paulo) e Raquel Gomes D’Alexandre (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo), dão conta da precarização do trabalho docente neste contexto pandémico e da degradação da qualidade no sistema educacional público.

Nos estudos que começam a ser conhecidos para avaliar os impactos desta pandemia sobre os vários atores

escolares, é dada especial atenção às consequências que as medidas iniciais de confinamento, tomadas para proteger a comunidade escolar, tiveram sobre os alunos em termos de evolução das aprendizagens, ressonância emocional, relacional e motivacional. Neste número da revista, Ana Catarina Ferreira Pinto e Margarida M. Marques (Universidade de Aveiro) dão conta de como num projeto no âmbito de um curso de mestrado em ensino, se consegue promover a educação em valores no ensino a distância com alunos do 1º ciclo do ensino básico neste período. Pedro Duarte (ESE do Instituto Politécnico do Porto), por sua vez, disserta sobre a possibilidade de uma outra forma de pensar o currículo, assente num comprometimento humano, social e ético.

Entre os estudos divulgados, e não menos importante, já são conhecidos resultados que medem igualmente o desempenho docente na brusca adaptação a que esta classe profissional foi sujeita, destacando-se, neste aspeto, a eficácia das estratégias de ensino por meios tecnológicos adotadas, mas também fenómenos associados ao cansaço ou, no limite, ao *burnout*. Este dois aspetos aparecem esperançosamente entrelaçados no artigo de José Verdasca (Universidade de Évora). Neste, o autor recorre às narrativas dos professores para exemplificar o quanto o papel liderante dos professores concorre para sublinhar o papel resiliente da educação em tempos de grandes angústias, com e muito para além das suas competências digitais manifestas. A sua leitura permite-nos aferir do papel quase incomensurável que a educação e os seus pedagogos desempenham neste período atípico que vivemos.

Desejamos boas leituras na expectativa que possamos todos cultivar a resiliência, isto é, aumentar a capacidade de uma adaptação positiva face às adversidades que enfrentamos, sem por elas sermos destruídos, mas, pelo contrário, tornando-nos mais fortes e capazes de enfrentar com sucesso novas contrariedades.

4 – Cf. van Breda, Adrian D. (2018). A critical review of resilience theory and its relevance for social work. *Social Work*, 54(1), 1-18. <https://dx.doi.org/10.15270/54-1-611>

5 – cf. International Commission on the futures of Education. 2020. Education in a post COVID world: Nine ideas for public action. Paris, UNESCO

Editor: José Luís Gonçalves

Education and Resilience

We might start this thematic issue of the magazine with David T. Hansen's (Teachers College, Columbia University, Nova York, NY, EUA) article "Communication and the global pandemic: sustaining continuity, rhythm, and balance". In that article, the author addresses the existential and spiritual costs arising from distance education as a solution to the pandemic the world is facing. Noting the human disruptions and life imbalances this type of teaching causes, he uses the indispensable figure of John Dewey to demonstrate, from his philosophy of life, how we are able to respond to current conditions through a revaluation of the meaning of "communication". Responding to adversity with educational resilience ... It is clear to everyone that in this pandemic period people, institutions and communities are tested to the limit in their ability to deal with vulnerability, adversity and risk. And, while the uncertainty of the present is being managed, national and international studies become known, evaluating the multidimensional impact that the current crisis has on the School institution, particularly on teachers, students and their families, as well the respective local and national communities.

These results and concerns were highlighted by the United Nations on January 24, 2021, International Education Day. UNESCO's¹ ongoing monitoring of the closure of schools shows that, globally, two-thirds of an academic year have been lost because of Covid-19 pandemic, 800 million students have had their education disrupted and, worldwide, ever since the pandemic started, schools have been completely shut down for an average of 3.5 months. That number rises to 5,5 months, if the intermittent closures are considered.

Prospective studies at a global level identify four emerging trends in post-pandemic education²: (i) increasing inequalities where they were already

relevant; (ii) centrality of innovation within the educational system, anticipating changes in education and training; (iii) consensus on the social importance of the school, legitimizing greater public resources allocation; (iv) creation of alliances to boost children's learning with new community actors.

School institution and the teaching role may actually be strengthened in their social esteem as a result of this pandemic, with the educational system regaining an inestimable value of public good, alongside the health system. However, such recognition is not accompanied by the corresponding investment in education: UNESCO has been alerting to the low priority given to education in efforts to recover from the covid-19 pandemic and calls for more financing. Worldwide, the educational sector only benefits from 0.78% of aid packages.

It is consensual that the pandemic did not create unjust situations per se; it made evident the pre-existing social, economic and cultural asymmetries and worsened life conditions for those who already lived on the threshold of risk or exclusion.

In this regard, UNESCO emphasizes that before the Covid-19 crisis only one in five countries revealed a strong financial commitment to equity in education and this situation has not changed with the pandemic. From the perspective of children's rights, especially the most vulnerable, UNICEF's experience shows that the most resilient educational systems have been those where children, communities and systems were able to anticipate, prevent, support, adapt and recover from stresses and shocks.

However, pandemics are also opportunities for education systems to strengthen when they anticipate risks and play a protective and promoting role in "security, resilience and social cohesion..."³. In the current context, school resilience has been playing a decisive role for children, families and communities, as it results from multifaceted processes of overcoming obstacles in which actors and structures have been involved to face adversity and obtain better than expected results.⁴

These and other reflections are explored in this thematic issue of the magazine "Schools closed: what education in times of Covid-19?". This issue begins with a suggestive title "Schools closed, education

1 - Cf. UNESCO <https://pt.unesco.org/covid19/educationresponse>

2 - Vegas, E., & Winthrop, R. (2020). Report - Beyond reopening schools: How education can emerge stronger than before COVID-19. In <https://www.brookings.edu/research/beyond-reopening-schools-how-education-can-emerge-stronger-than-before-covid-19/>

3 - Cf. Declaração de Incheon e Marco de Ação para a implementação do ODS 4, n.º 26

4 - Cf. van Breda, Adrian D. (2018). A critical review of resilience theory and its relevance for social work. *Social Work*, 54(1), 1-18. <https://dx.doi.org/10.15270/54-1-611>

was not suspended”, an article written by João Costa, Assistant Secretary of State for Education, with a brief but stimulating assessment of what School institution and diverse actors have learned by the forced closure of Schools in Portugal.

Many of its findings are echoed by the aforementioned UNESCO recommendations - the total closure of schools should be a last resort and its safe reopening must be a priority in the current situation. Some of these conclusions are taken up, from Germany, by Dirk Oesselmann (Evangelische Hochschule Freiburg). The author offers us a temporal portrait of the constraints felt by students, parents and teachers during 2020 in Germany and, no less important, points out some behaviors that accompany the various actors on the ground in this context.

In this pandemic crisis, and according to UNESCO⁵, the most resilient educational systems are the ones that have been most involved with families and communities in preserving Children’s Rights. In the light of this finding, Brazil, through Juliana Pedreschi Rodrigues, Valéria Aroeira Garcia and Talita Alessandra Tristão (EACH of the University of São Paulo), provides an analysis of the effects Covid-19 is producing on children and the most disadvantaged families. In a pertinent essay, underpinned by a social education perspective, the authors propose to discuss the need to prioritize “mutual care and the construction of solidarity networks as a way of maintaining life” for many children and families at risk or already in effective social exclusion.

From the same country, and in a critical tone, Danielle do Nascimento Rezera (Federal University of São Paulo) and Raquel Gomes D’Alexandre (Pontifical Catholic University of São Paulo) report the precariousness of teaching work in this pandemic context and the quality degradation in the public educational system. Recent studies assessing the impacts of this pandemic on various school actors have been paying special attention to the consequences that initial confinement measures, intended to protect the school community, had on students in what concerns evolution of learning, emotional, relational and motivational resonance.

In this issue, Ana Catarina Ferreira Pinto and Margarida M. Marques (University of Aveiro) explain how a project within a master’s course in teaching can promote education for values, in distance learning, with 1st basic education cycle students in this period.

Pedro Duarte (ESE of the Polytechnic Institute of Oporto), for its part, talks about the possibility of another way of curriculum thinking, based on a human, social and ethical commitment.

Among published studies, and no less important, results are already known that measure teaching performance in the sudden adaptation to which this professional class was subjected, highlighting, in this aspect, the effectiveness of teaching strategies using technological means, but also phenomena associated with tiredness or, ultimately, burnout. These two aspects appear hopefully intertwined in the article by José Verdasca (University of Évora). The author uses teachers’ narratives to exemplify how the leading role of teachers contributes to underline the resilient role of education in times of great distress, with and far beyond their manifest digital skills. When reading it, we are able to assess the almost incommensurable role that education and its pedagogues play in this atypical period we are living in.

We wish good readings and expect we can all cultivate resilience, that is, increase capacity for a positive adaptation to the adversities we are facing, without being destroyed by them, but, on the contrary, becoming stronger and able to face successfully new setbacks.

5 - cf. International Commission on the futures of Education, 2020. Education in a post COVID world: Nine ideas for public action. Paris, UNESCO